André Pomponet

Confidências de um brasileiro desolado

André Pomponet - 03 de Junho de 2021 | 20h 59

Ouvir a matéria: 0:00 / 2:53

- Olha, se eu pudesse, eu ia embora disso aqui. O problema é que eu já passei dos quarenta, não tenho para onde ir e acho que ninguém vai me aceitar lá fora. Quando eu era mais jovem, acabei me empolgando, achando que isso aqui tinha jeito, que estava mudando, melhorando. Conversa! Vira e mexe, a gente repete o passado...

Ficou calado durante alguns instantes, o olho muito aberto, fitando os transeuntes. Parecia que o filme da vida dele ia passando diante dos seus olhos. E, o que era pior, o filme da vida que poderia ter sido, mas que não foi, nem poderá ser. Com a máscara encobrindo a boca e o nariz, os olhos se sobressaíam, refletindo talvez o lábio contraído numa expressão de contrariedade, a respiração ofegante.

- Até passei no vestibular para História. Fiz uns semestres, aprendi o suficiente para saber como é que as coisas funcionam neste país. Mesmo assim, não pensei no futuro, pelo menos não neste futuro que podia repetir o passado. É nele que estamos...

Conjecturei alternativas, enquanto os pombos sobrevoavam o calçadão do Novo Centro. Especulação inútil: sair como, com obrigações familiares, dinheiro escasso, sem dominar bem outros idiomas? Que tipo de emprego conseguiria? Gente para desempenhar funções braçais não falta. Pior: jovens, dispostos a topar qualquer parada. Sem chance.

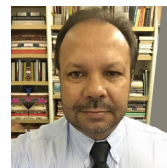
Nuvens encardidas iam avançando pelo céu da Feira de Santana. Contracenavam bem com aquele papo sombrio. Confessou que, finalmente, entendia a angústia dos que se insurgem contra as ditaduras, os regimes de exceção. O problema é que lhe falta serenidade para encarar esses tempos tormentosos mantendo o equilíbrio. "A fria objetividade", gracejei, resgatando uma expressão antiga, comum às esquerdas naqueles tempos.

- Vamos virar a Venezuela - Arrisquei a piada sem graça, que às vezes traz uma alarmante sensação de premonição.

- Muito pior. Do jeito que vai, uma republiqueta da América Central. Se não vier coisa ainda pior por aí - Comentou, encerrando o papo. Até marcamos uma cerveja para quando a pandemia arrefecer. Isso se, até lá... enfim...

O sol se firmou na tarde de outono, radioso, mas as sombras daquela conversa se estenderam, obscurecendo a paisagem. É duro encontrar gente - da mesma geração que eu - com essas ideias, com esses receios. Sobretudo porque, no Brasil atual, é bom esperar o pior; e esse pior, no fim, sempre supera as expectativas mais nefastas.

CHARGE DA SEMANA

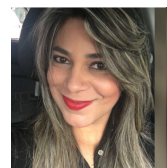
COLUNISTAS

César Oliveira

Por um planejamento de long prazo no enfrentamento à pandemia

História do Brasil

André Pomponet

O São João no Centro de Abastecimento

Carne em self service virou l rico

Emanuela Sampaio

Jéssica Azevedo Confeitaria Campeã do Que Seja Doce (G elabora delícias juninas

Amanhã, 22, é o último dia p encomendar o Box de São Jo Buffet Fernanda Possa

César Oliveira- Crônica

O mal estar do século e a falt porrada

Faça o dia bem feito

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Jéssica Azevedo Confeitaria Campeã do Que Doce (GNT) elabora delícias juninas